

Reflexões marginais sobre violência

Obra resenhada:

ŽIŽEK, Slavoj. *Violência: seis reflexões laterais*. São Paulo: Boitempo, 2014.

Recebido em 13-09-2016

Aceito para publicação em 01-02-2018

111

David Moreno Montenegro¹

Para aqueles mais familiarizados com as construções analíticas de Žižek, talvez não seja novidade os movimentos, muitas vezes inesperados, de seu pensamento ao abordar temas diversos. Porém, nem sempre é tarefa fácil acompanhar suas elaborações que podem problematizar os regimes políticos do leste europeu e, ao lado desses, os terrorismos e seus rebatimentos nas políticas de exceção baseadas no medo; as várias expressões de fundamentalismos que se objetivam contemporaneamente (de matriz islâmica ou liberal); as mutações no campo da ideologia que dificultam o diagnóstico de um tempo; e, conseqüentemente, a atuação efetiva dos movimentos contestatórios, passando até mesmo pelos novos contornos do capitalismo contemporâneo e suas opressões.

Além disso, embora muitos desses ásperos temas sejam tratados por meio do chiste, do humor – marcados por um discurso que transita com facilidade entre o erudito e o popular e em linguagem clara e provocativa – neles também há uma vasta gama de autores e teorias do campo das ciências humanas mobilizados (elementos do presente e do passado) como: poderosa teoria hegeliana; pensamento lacaniano em movimento e em contato com as grandes questões do pós-estruturalismo francês; filosofia da linguagem anglo-saxônica, temperado com certa adesão crítica ao marxismo².

¹ Doutor em Sociologia (UFC), Mestre em Sociologia (UFC) e graduado em Ciências Sociais (UECE). Professor de Sociologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE, Campus Fortaleza, Brasil. E-mail: davidmmontenegro@hotmail.com

² Devo esta observação a Christian Dunker (Cf. DUNKER, C. (2005). “Žižek: um pensador e suas sombras”. In: DUNKER, Christian (Org.) *et al.* *Žižek Crítico: política e psicanálise na era do multiculturalismo*. São Paulo: Hacker, Editores).

Não poderíamos esperar navegar em águas tranquilas ao analisar a obra *Violência: seis reflexões laterais*, livro lançado pela editora Boitempo em 2014. Uma primeira advertência: para uma mais profunda compreensão dos desígnios da violência contemporânea é necessário que nos livremos das críticas que buscam elementos externos para justificar práticas violentas inaceitáveis socialmente. A natureza paraláctica da violência nos exige que busquemos as respostas de forma imanente aos próprios fenômenos analisados, na medida em que as práticas possam ser identificadas como subversões dos próprios princípios e premissas defendidas, contradição que deve ser apontada em seus próprios termos, segundo Žižek.

Para isso, se faz necessário que nos livremos do efeito fascinante diretamente verificável que os eventos de violência “subjativa” nos exerce para que possamos dar um passo atrás, de modo que sejamos capazes de identificar “a violência que subjaz aos nossos próprios esforços que visam combater a violência e promover a tolerância” (ŽIŽEK, 2014, p.17). Essas não são simples palavras, pois apontam para o tamanho do desafio proposto pelo autor nesta obra: desvendar a violência e seus desígnios a partir de uma investigação que se proponha a ir além de seus contornos pictóricos, não se deixando seduzir pelos confortos retóricos e explicações fáceis agarradas às frágeis narrativas de causa e efeito.

A seguir destaco alguns pontos que considero relevantes no texto do filósofo esloveno, porém certo de que muitos outros aspectos foram deixados de fora desta resenha, alguns por conveniência frente ao espaço limitado desta publicação, outros, certamente, devido às limitações deste pesquisador que impedem um maior alcance das questões levantadas e desenvolvidas pelo filósofo.

No primeiro capítulo – “Adagio Ma Non Troppo e Molto Espressivo” – Žižek inicia suas reflexões buscando elaborar uma espécie de tipologia da violência que transcenda as análises detidas em seus aspectos mais visíveis. Essas formas mais epidérmicas de violência, Žižek denominará violência subjativa, porquanto se tratam da violência física direta, “violência exercida por agentes sociais, indivíduos maléficos, aparelhos repressivos disciplinados e multidões fanáticas” (ŽIŽEK, 2014, p.25). Essas características tornam, portanto, a violência subjativa mais perceptível e capaz de mobilizar maior fascínio e afetos em relação às suas formas de expressão na realidade social.

Entretanto, há formas mais sutis de coerção que acabam por sustentar relações de poder, dominação e exploração que não são auto evidentes e, muitas vezes, anunciam catástrofes que parecem surgir sem aparente causa, surpreendendo mesmo as almas delicadas e benevolentes que se opõem a toda forma de violência seja ela física e direta (extermínio em

massa ou terror) ou ideológica (racismo, incitação ao ódio, discriminação sexual). A analogia proposta pelo autor é em relação ao movimento auto propulsivo incontrolável do capital em seu processo de circulação e reprodução, tão bem apresentado por Marx.

Do mesmo modo que esta força “abstrata” do capital manifesta sua dimensão material na determinação dos processos sociais sem que sejam condicionados pelas partes consideradas individualmente, esta forma de violência se apresenta como *sistêmica* na medida em que “não pode ser atribuída a indivíduos concretos e às suas ‘más’ intenções, mas é puramente ‘objetiva’, sistêmica e anônima” (ŽIŽEK, 2014, p.26).

Em “Allegro Moderato – Adagio”, Žižek afirma que, hoje, a forma predominante da política é a biopolítica pós-política. A biopolítica enquanto dimensão que pretende o controle e regulação do bem-estar e segurança das vidas humanas, encontra abrigo numa concepção de pós-política que advoga o abandono das grandes questões e contendas ideológicas em nome da gestão e administração especializada dos conflitos balizados em preceitos técnicos. Esta forma de gerir os conflitos e demandas da sociedade de forma técnica e especializada, despolarizada e socialmente objetiva implica no arrefecimento das paixões próprias ao universo da política, desagregando e desfazendo laços necessários quando se trata de viabilizar processos que se pretendem coletivos.

É aqui que o medo aparece, para Žižek, como elemento fundamental constituinte das subjetividades humanas contemporâneas. Num mundo que abandonou as grandes causas em nome da administração asséptica, que decretou a falência das utopias e das ideologias, o medo aparece como sentimento capaz de “introduzir paixão e mobilizar ativamente as pessoas”, constituindo a biopolítica, em última instância, “uma política do medo que se centra na defesa contra o assédio ou a vitimização potenciais” (ŽIŽEK, 2014, p.45). Nesse sentido, Žižek aponta o medo em suas várias expressões como supremo princípio mobilizador:

Medo de imigrantes, medo da criminalidade, medo de uma depravação sexual ímpia, medo do próprio excesso de Estado e da sua carga tributária elevada, medo da catástrofe ecológica, medo do assédio. A correção política é a forma liberal exemplar da política do medo. Uma (pós-) política dessa natureza assenta-se sempre na manipulação de um *ochlos* ou de uma multidão paranoica: é a união assustadora de pessoas aterrorizadas (ŽIŽEK, 2014, p.46, grifo do autor).

No capítulo 3 – “Andante Ma Non Troppo E Molto Cantabile” – o autor destaca que a tentativa por compreender os sentidos das ações que manifestam práticas violentas não raro

inspira diversos analistas a buscar no passado eventos que funcionem como parâmetros, como uma espécie de gramática cognitiva que pode apontar os fios que nos levem à gênese dos acontecimentos contemporâneos. Nesse sentido, a enorme explosão de violência pública verificada nos subúrbios de Paris no outono de 2005, protagonizada por jovens manifestantes muitas vezes foi comparada com o maio de 68, ou mesmo com os saques em Nova Orleans após as destruições causadas pelo furacão Katrina, que atingiu a cidade em 29 de agosto de 2005.

As comparações apenas revelam desafios ainda maiores para aqueles que buscam entender o que se passou na França no período recente. Ora, ao olharmos para maio de 68 podemos claramente vislumbrar uma revolta animada por uma visão utópica de mundo, fato que não pode sequer ser observado nas manifestações de 2005 na França, tampouco a comparação com os saques em Nova Orleans se mostra adequada na medida em que os discursos que defendiam esta perspectiva visavam atacar a suposta causa das revoltas: o excesso de intervencionismo estatal que impediria o pleno desenvolvimento e aproveitamento das oportunidades geradas pelo mercado por parte dos imigrantes, o que geraria insatisfações.

O passo decisivo, porém, seria reconhecer que “os manifestantes que protestavam nos subúrbios de Paris não eram portadores de qualquer tipo de exigências concretas. Havia apenas uma exigência no *reconhecimento*, baseada num vago *ressentimento* inarticulado” (ŽIŽEK, 2014, p.70, grifo do autor). Este é o ponto em que Žižek alerta para a necessidade de reflexão. É necessário analisar o fato das manifestações não apresentarem nenhum programa, nenhuma perspectiva alternativa realista, se apresentarem como uma espécie de explosão desprovida de qualquer sentido como um importante sintoma da nossa atual situação político-ideológica.

Não se pode negar a coragem do movimento analítico que Žižek opera ao elaborar reflexões sobre determinadas questões a partir de abordagens que põem em xeque formas “consagradas”. Este procedimento analítico já foi tratado pelo autor em sua obra *Visão em Paralaxe* (2008)³, em que partindo do reconhecimento de uma lacuna paraláctica intransponível – confronto entre dois pontos de vista intimamente ligados entre os quais não é possível haver nenhum fundamento neutro comum, marcado ainda pela impossibilidade de síntese e mediações -, o caminho da análise deve seguir os rastros deixados pela interação entre essas dimensões imanentes e ao mesmo tempo irreduzíveis.

³ ŽIŽEK, Slavoj (2008). *A Visão em Paralaxe*. São Paulo: Boitempo.

Assim, no caso da paralaxe política, trata-se de considerar as problemáticas a luz dos conflitos travados entre os atores antagonísticos (luta de classes!) imersos numa realidade socioeconômica. É dessa forma que Žižek se propõe a pensar temas como os direitos humanos, os atuais desafios dos movimentos inscritos no campo da esquerda, as problemáticas envolvendo os regimes democráticos, a tolerância e sua relação com a questão da universalidade, os protestos e os vazios que neles se multiplicam.

Em “Presto”, Žižek propõe transitar no terreno movediço do debate sobre a tolerância apreendida pelo multiculturalismo. E é a partir de um acontecimento envolvendo charges publicadas por um jornal dinamarquês satirizando Maomé⁴ e os desdobramentos violentos que se seguiram ao caso, que o filósofo propõe pensar a questão da tolerância e sua aura ideológica no cenário do mundo ultra globalizado.

Mobilizando Kant e sua noção de “antinomias da razão pura”, Žižek se empenha em demonstrar que o atual debate que confronta as percepções liberais em defesa da tradição democrática e da liberdade de expressão, frente ao argumento das populações islâmicas que apontam num sentido de denúncia de xenofobia e desrespeito em relação aos símbolos sagrados religiosos que estruturam sua fé, acaba por mergulhar numa verdadeira antinomia que não é possível de ser resolvida nos termos em que a questão é posta.

O Ocidente e a guerra ao terror – com todos seus requintes de perversidade contra as populações inocentes atingidas – que se ancora na busca por confrontar os atos de intolerância e violência perpetrados por indivíduos movidos por motivos pelas religiões revela, aqui, os limites da tolerância multicultural: a questão que permanece é até onde deve ir a tolerância à intolerância? Os protestos causados pelas caricaturas de Maomé nas comunidades muçumanas demonstram que as crenças religiosas não podem ser desconsideradas, fato que traz a tona os limites do desencantamento secular.

Estaríamos diante, então, dos limites da liberdade de expressão cultuada pelo Ocidente, muito embora as reações violentas muçumanas sejam absolutamente inaceitáveis. Como saída deste imbróglio, Žižek propõe o resgate do ateísmo, traço que torna a experiência da Europa, em suas palavras, verdadeiramente singular, uma vez que se constitui na primeira civilização em que o ateísmo se mostra como opção plenamente legítima. Entretanto, assevera que “da mesma forma que o verdadeiro ateu não tem a menor necessidade de promover sua

⁴ Aqui é impossível não fazer um paralelo com os acontecimentos decorrentes das Charges publicadas pelo jornal francês Charlie Hebdo, fato que além da revolta dos adeptos das religiões islâmicas motivou um suposto atentado terrorista que vitimou os cartunistas que trabalhavam no jornal em 07 de janeiro de 2015.

posição chocando o crente por meio de declarações blasfemas, recusa-se a reduzir o problema das caricaturas de Maomé a uma questão de respeito pelas crenças alheias” (ŽIŽEK, 2014, p.114).

Como forma de mudança de nossas mentalidades, ou seja, alteração de nossa posição subjetiva diante da questão, o autor propõe que para além de uma postura condescendente em relação às crenças e ilusões alheias, bem como qualquer posição relativista frente a diferentes tentativas de imposição por quem quer que seja de quaisquer “regimes de verdade”, o Islã e qualquer outra religião deveriam ser submetidos a uma respeitosa, porém não menos implacável, crítica. Isso corresponde a dizer, em termos psicanalíticos, que todos devem se responsabilizar por suas crenças, por seus desejos e, da mesma forma, por suas ilusões.

No capítulo 5, intitulado “Molto Adagio – Andante”, Žižek continua a enfrentar a questão da tolerância, mas numa perspectiva de enquadrá-la num complexo cenário de alteração do quadro ideológico hegemônico. O que antes fora pensado e denunciado em diversos discursos como efeitos decorrentes da exploração, das desigualdades ou mesmo das injustiças sociais parece ter se deslocado para o campo da intolerância, como se seu oposto pudesse redimir as civilizações contemporâneas para além da luta política radical com vistas à emancipação. O fato da tolerância, portanto, surgir como se fosse o ato redentor par excellence das mazelas das sociedades caminha junto a um fenômeno que o autor denomina de culturização da política.

Nesse sentido, acreditar que a tolerância pode funcionar como o elo capaz de unir as diferentes culturas em torno de causas comuns se trata de postura extremamente equivocada. Aqui, o filósofo recorre a sua noção de violência sistêmica, ou objetiva. Para compreender a noção liberal de tolerância se faz necessário desvelar a violência que a sustenta enquanto paradigma. A título de exemplo, Žižek destaca que na medida em que em nossas sociedades ainda prevalece uma divisão do trabalho segundo o gênero, que imprime, dessa forma, uma característica masculina nas categorias principais (autonomia, atividade pública, competição), o próprio liberalismo inscreve em sua gramática social a dominação masculina como legítima. Desse modo, o próprio liberalismo privilegia uma cultura específica - a do Ocidente moderno. Seguindo os rastros de Walter Benjamin, Žižek afirma que nossa resposta deve ser nos seguintes termos: da culturização da política à politização da cultura!

E é com Benjamin que Žižek estabelece um profundo diálogo em “Allegro” (capítulo 6). A partir de um enigmático texto escrito por Walter Benjamin em 1921 – “Sobre a Crítica

do Poder como Violência”⁵ – Žižek resgata o conceito de violência divina. Para Benjamin, direito e justiça são conceitos que tornam possível situar o debate sobre os desígnios da violência, na medida em que esta somente se materializa na sociedade quando algum ato ou ação interfere em relações de ordem ética.

Não por outro motivo, quando se fala em Direito é imprescindível remeter a reflexão à condição elementar de todo e qualquer ordenamento jurídico: os meios e os fins. Quando se trata de explorar as formas de manifestação da violência, é somente no âmbito dos meios e não dos fins que se faz possível sua investigação. Faz-se necessário, assim, uma investigação sobre os critérios de legitimidade de certos meios para, desse modo, desencavar aspectos que integrem a arquitetura da constituição do poder.

Na busca por compreender as implicações e consequências para a “essência do poder” devido às variadas formas e sentidos que a violência assume – que somente podem se tornar inteligíveis em função de suas manifestações axiomáticas, portanto, em função de seu valor – Benjamin destaca a necessidade de encontrar um ponto de vista que esteja fora da abrangência restritiva das duas escolas jurídicas (Direito Natural, Direito Positivo), propondo, para tanto, uma investigação que percorra os caminhos da Filosofia da História. É neste rastro que Benjamin desenvolveu duas noções que se contrapõem: violência mítica e violência divina.

Žižek destaca que o conceito de violência divina em Benjamin nada tem a ver com qualquer ação em nome de Deus ou fundamentalismo religioso, não pode ser concebido como o exercício da soberania do Estado que representa a exceção que funda o direito, tampouco pode ser confundida com a violência pura enquanto explosão anárquica.

Assim, enquanto a violência mítica é uma forma de garantir o exercício do poder e a instauração da ordem social legal, pertencente à ordem do Ser, a violência divina pertence à ordem do acontecimento, impossível de ser identificável a partir de “critérios objetivos”, pois “é simplesmente o signo da injustiça do mundo, de um mundo eticamente desarticulado” (ŽIŽEK, 2014, p.156).

Sem dúvida alguma, os seis capítulos da obra representam um convite à procura por caminhos que possam abrir perspectivas alternativas na compreensão do fenômeno da violência no mundo contemporâneo. O pensamento profundo, complexo e refinado de Žižek mostra sua força nesses textos que impedem que se atravesse a leitura sem impactos e abalos. Encerro essas anotações com o convite à leitura e reflexão sobre a obra que embora trate de

⁵ BARRENTO, João (Org.) (2012). *O anjo da história/Walter Benjamin*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

tema marcado pela universalidade, não deixa de nos permitir enxergar lampejos na realidade brasileira vivida nos dias de hoje.

Referências

ŽIŽEK, Slavoj (2008). *A visão em paralaxe*. São Paulo: Boitempo.

ŽIŽEK, Slavoj (2014). *Violência: seis reflexões laterais*. São Paulo: Boitempo.

BARRENTO, João (Org.) (2012). *O anjo da história/Walter Benjamin*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.